



# ASPECTOS GEOPOLÍTICOS DA BACIA CARIBENSE\*

Marvin F Gordon

*Ultimamente, grande parte da atenção pública tem-se voltado para a região do Caribe. Qual a situação que nela existe? É a área tão importante para os interesses dos Estados Unidos como muitos dizem? Que podem os Estados Unidos fazer para influir nos acontecimentos que ali se desenvolvem? Este artigo focaliza, de relance, a região e tenta fornecer algumas respostas.*

**A**tribui-se a Benito Mussolini ter ele dito que não é difícil governar a Itália, mas apenas inútil. De modo similar, pode-se dizer que dar uma contribuição geopolítica não é difícil, mas, para torná-la útil, deve-se definir, precisamente, os parâmetros levados em consideração. Quais são, então, as características da Bacia Caribense que condicionam e influenciam a configuração de uma política externa?

Desafortunadamente, não existe consenso sobre o significado de Geopolítica. Em conse-

quência, a resposta à pergunta depende, subjetivamente, de determinadas percepções individuais. Muitos observadores acreditariam, sem qualquer dúvida, que Geopolítica se refere à relação entre Geografia e Política, mas discordariam, provavelmente, em relação a detalhes.

Para precisar o significado geopolítico da Bacia Caribense, muitos aspectos fundamentais estão em jogo. A aproximação do assunto deve ser feita de maneira escalonada. A avaliação envolve uma crise de proporções limitadas, ou se leva

\*Tradução do artigo "The Geopolitics of the Caribbean Basin", publicado na *Military Review* de agosto de 1986.

em conta a possibilidade de um conflito global? Considerando apenas o último enfoque, a referência é feita à guerra convencional, nuclear, ou a ambas?

Parece uma suposição geralmente aceita pelos maiores opositores que "resposta flexível" recolocaria a defesa aproximada da Europa Ocidental, com base no poderio da Organização do Atlântico Norte (OTAN), em rápida erosão. O perigo de destruição inevitável de ambos os lados resultou, portanto, naquilo que muitos observadores aceitam como um empate. Por conseguinte, está também na ordem do provável visualizarem-se cenários não-nucleares. Assim, é aceita a premissa de que devem prevalecer as análises de conflito convencional, sobre quaisquer considerações referentes aos tipos de guerra nuclear, química ou de natureza biológica.

A avaliação do tipo de guerra propõe lidar somente com considerações militares, ou deve abranger, também, a "grande estratégia" ou "estratégia nacional"? Admitindo-se que uma contribuição geopolítica não será estimada somente segundo um contexto militar, deverá haver uma tentativa, não apenas de avaliar a área em si, mas também de examinar suas relações com outras regiões do mundo significativas e selecionadas.

O componente temporal deve, igualmente, ser levado em consideração. Tem sido notado

amiúde, por exemplo, que desenvolvimento tecnológico em transporte e comunicação tende a trazer as áreas sob estreito contacto. O grau de intercâmbio varia de acordo com o tempo abrangido, e uma contribuição deve, portanto, especificá-lo. Aqui, o foco está no presente. Nenhuma tentativa será feita para analisar o passado, nenhuma projeção de cenários além do futuro imediato.

As análises serão aproximadas sob uma perspectiva norte-americana. Povo, governo e organizações militares agirão calcados em sua percepção, quer tais pontos de vista sejam ou não acurados. Percepções (ou minipercepções) são baseadas em alguma ótica cultural, motivação ou posição política. Sabe-se como combatentes livres de um lado são chamados de terroristas pelo outro. Gravius Princip, o assassino do Arquiduque Francisco Ferdinando, da Áustria-Hungria, foi visto por uns como um homem mau e irresponsável, um frio e astuto político realista por outros, e um fervoroso e devotado patriota pelo grupo que ele se professava representar. Em 1940, os militares alemães viam as íngremes montanhas Ardenas-Eifel como uma via de acesso para romper as linhas aliadas; os franceses consideravam a mesma área um bastião defensivo que não precisava ser fortemente reforçado.

É sem dúvida conveniente definir a área abrangida pela

Bacia Caribense. Para muitos geógrafos, uma bacia consiste em um litoral que circunda um corpo de água. Contudo, aqui uma definição é duvidosa e, também, restritiva, desde que ela exclua El Salvador. A Bacia, como será, daqui por diante, referida, estará compreendida pelo México, América Central (incluindo Belize e Panamá), Colômbia, Venezuela e Arquipelago Caribense.

## SÍTIO E SITUAÇÃO

A gíria geográfica estandarizada inclui os termos "sítio" e "situação". Suas matrizes referem-se ao atributo espacial, físico e não-físico, de um lugar particular, independente de tamanho. A última ligação com o espacial físico e não-físico, característico de outras áreas que têm uma relação estabelecida com o lugar, é que está em questão. Alguns podem pensar em uma casa como "sítio", e os vizinhos como "situação". Ambos os termos possuem características dinâmicas, assim como estáticas. Tecnologia, desenvolvimento econômico, exploração do solo, degradação circunvizinha e flutuações políticas podem, todos, servir para mudar o atributo de ambos, "sítio" e "situação"

Por exemplo, a importância do "sítio" do Porto de Boston declinou de importância através do tempo, em parte porque ele não poderia favorecer pronta-

mente uma tecnologia que foi desenvolvendo embarcações com enormes projetos. Para "situação", Sir Halford Mackinder definiu seu *heartland* eurasiático essencialmente por sua inacessibilidade ao poder marítimo. Ele excluiu assim dessa área o Estreito Turco, mas mudou de pensamento mais tarde, quando os navios britânicos falharam ao forçar sua passagem, na Primeira Guerra Mundial. Parece estranho que Mackinder nunca tenha levado em consideração mudanças políticas. A situação foi alterada na Segunda Guerra Mundial, quando a Turquia uniu-se aos aliados, em 1945. O movimento dos aliados através do estreito foi, então, factível. Teria assim Mackinder excluído, outra vez, essa área do *heartland*? A analogia com um ioiô certamente não seria inapropriada neste caso.

## O SÍTIO DA BACIA CARIBENSE

Possivelmente, o primeiro aspecto a se levar em consideração é quanto ao "sítio" e sua extensão. A área é geralmente considerada, por americanos do norte e do sul, bastante pequena, conjurando a imagem das minúsculas *banana republics*. Atualmente, a Nicarágua é mais de quatro vezes maior que a Bélgica, e Cuba é mais de três vezes maior que Formosa. A distância entre as cidades do México e Panamá é, aproxima-

damente, a mesma que entre Londres e Istambul. Similarmente, a distância de Bridgetown, Barbados, a San Salvador é, *grosso modo*, a mesma de Roma a Murmansk. Essa não é, certamente, uma área pequena para patrulhamento e controle com propósitos militares.

A vizinhança da área é a segunda característica que afeta o relacionamento da Bacia com os Estados Unidos. Alguns congressistas norte-americanos assinalaram que seus colégios eleitorais se situam mais próximos de locais selecionados da Bacia Caribense que da capital nacional do país. Outrossim, um segmento de tamanho considerável da população norte-americana tornou-se também preocupado e alarmado com o fator proximidade. Essas pessoas tendem a reagir, ao perceberem receios, ainda que vagos, frequentemente focalizados pela intensa cobertura da mídia. É também relevante ressaltar que muitas dessas pessoas são eleitores e podem, portanto, influir nas decisões da administração que está no poder.

A conclusão à qual o tema proximidade advoga arrastar sua audiência é, presumivelmente, que qualquer área localizada no quintal dos Estados Unidos autoriza a sua atenção, preocupação e vigilância. Isso é o que o tema pede. Proximidade não faz uma área, *ipso facto*, particularmente significativa para os Estados Unidos e merecedora de intensa e cuidadosa inspe-

ção. A preocupação deve, antes, ter em foco considerações particularmente significativas. A localização vicinal ajuda a superar os problemas de fricção a distância e realça as oportunidades para migração ilegal? Portos ou centros da Bacia podem-se tornar abertos a soviéticos para uso militar, caso os Estados Unidos não estejam vigilantes e ativos para restringir tais incursões? É uma aproximação muito mais incisiva consignar diretamente esses tipos de tema, em vez de transformá-los em vagas proposições relativas à distância comparada de alguns países da Bacia para, e entre, locais selecionados dos Estados Unidos.

Pelas características físicas do "sítio", ele é limitado, em termos de utilização humana. Grande porção da região é dominada por declives abruptos. Essas montanhas e montes rurais tendem a restringir a fixação humana, o desenvolvimento econômico, a circulação e o acultramento. De fato, ela tem sido citada como uma região "balcanizada", porque o domínio dos terrenos inclinados tende a fragmentar sócio-economicamente a área, assim como politicamente.<sup>1</sup> Esse problema, contudo, não refreia a agitação política. A Bacia, nesse aspecto, é algo análoga aos Bálcãs, ao tempo da Segunda Guerra Mundial.

Algumas zonas climáticas da Bacia são submetidas quer a uma excessiva quer a uma deficiente precipitação pluviométrica.

ca. Esses aspectos deletérios são agravados, além disso, em áreas climáticas nas quais as estações úmido-secas ocorrem indiscriminadamente (sem determinação do período chuvoso) e o total acúmulo da precipitação não é estatisticamente seguro. Isso pode ter um efeito desfavorável na produção agrícola, nas atividades de construção, no transporte e nas operações militares.

A base econômica da região também acarreta problemas. Ela não é ricamente dotada de minerais, embora alguns grandes depósitos estejam por ser encontrados. Contudo, a posse de tais recursos não é, por si própria, uma condição *sine qua non* de poder. Por exemplo, grandes investimentos têm sido feitos no carvão apalaquiano, mas essa riqueza não beneficiou a causa da área. O considerável valor adicionado redundaria mais em benefício daqueles que processam a matéria-prima que daqueles que a extraem.

Cerca de metade da bauxita importada pelos Estados Unidos provém da Jamaica. A bauxita guianense, o cobre mexicano e as reservas de minério de ferro venezuelano são grandes também. A União Soviética pode obter alguma cromita, algum manganês, níquel e minério de ferro do sudeste de Cuba, embora isso, fundamentalmente, reproduza uma parte de suas próprias reservas básicas. Em geral, podem ser obtidos substitutos, visto particularmente que

o custo de materiais alternativos ou minerais não é, de comum, uma consideração examinada em tempo de guerra. Ademais, ocasionalmente, existe a possibilidade de obtenção de outras fontes minerais, se julgadas essenciais e merecerem o esforço.

Os mais importantes recursos da Bacia são o petróleo e o gás natural. Existe algum petróleo em Trinidad e, possivelmente, reservas não-exploradas na região de Patén, norte da Guatemala. Contudo, as maiores quantidades são encontradas, usualmente, em torno da Baía de Campeche, no México, e no nordeste e noroeste da Venezuela. Os campos mexicanos são ligados aos dutos que fazem conexão com os sistemas de distribuição dos Estados Unidos. Conseqüentemente, não há necessidade do uso de navios-tanques em tempo de guerra devido ao perigo de interdição naval. A maior preocupação, entretanto, refere-se à proteção de instalações em mar aberto (*offshore*).

É presumível que planos para a defesa de plataformas *offshore* e instalações ao longo da costa dos Estados Unidos poderão ser adaptados para uso na área de Campeche. Há, contudo, uma diferença essencial. A implementação dos planos de defesa terá que ter lugar após as hostilidades haverem começado, desde que os mexicanos não estejam aptos a fazerem o serviço

eles próprios ou a cooperar antecipadamente nesse assunto.

A economia da Bacia está grandemente voltada para a agricultura. Boa parte dessa agricultura é de subsistência e não está orientada para ou associada com o mercado internacional. Esse setor primário da economia deve ser socorrido por projetos de reforma agrária, mas sua conversão a um *status* comercial verdadeiro requer um sistema de rodovias para escoamento da produção, sob quaisquer condições meteorológicas, e uma gama de outros auxílios que não são, pronta e facilmente, obtidos, por várias razões sociais, econômicas e políticas.<sup>2</sup> O futuro desenvolvimento da Bacia não deve ser percebido como particularmente brilhante. Reforma agrária, dentro e fora dela, não é suficiente para converter a base agrícola por inteiro, de pobres operações de subsistência para prósperas venturas comerciais.

Uma pequena base agrícola, comercial e amiúde internacionalmente orientada, fornece uma parte impressionante da renda nacional de muitas nações da Bacia. Sua contribuição para a economia regional está excessivamente longe da extensão da área ou da mão-de-obra envolvidas. Ademais, a competição de outras áreas semitropicais, que produzem produtos similares, acrescida de uma demanda e uma estrutura de preços razoavelmente inelástica, tende a restringir a produção.

A cana-de-açúcar, uma das maiores colheitas da Bacia, está, atualmente, diante de um mercado em declínio. Os Estados Unidos, com o paladar mais doce do mundo, usam a maior parte desse açúcar na produção de bebidas suaves, cuja manufatura está se voltando, agora e cada vez mais, para substitutos do açúcar.

Em alguns países, a produção de cana tem característica de monocultura, e parece quase impossível, para alguns desses povos, desembaraçarem-se de produções não-favoráveis, mas institucionalizadas, e de mercados padronizados. Em consequência, essa porção central da economia, ou produto básico da Bacia, pode ser descrita com a expressão, pejorativa e curta de inteligência, "açúcar amargo".

Outro problema surge da substituição do açúcar de cana pelo de beterraba. Este último surgiu, originalmente, durante o bloqueio do continente, na era napoleônica, e é seu maior competidor subsidiado. A cultura da beterraba, mais bem associada com as latitudes médias que com os climas tropicais, cresceu na União Soviética e nos Estados Unidos e, por motivos autárquicos, é apoiada por muitos governos da Europa.

Os mercados comuns da Bacia têm ajudado a desenvolver o comércio inter-regional, mas a maior parte das áreas produtoras é competitiva, em vez de complementar. Os países tendem a produzir tipos similares

de matérias-primas e, portanto, têm pequeno comércio uns com os outros. Bens manufaturados são, em geral, caros, de qualidade inferior e, simplesmente, não-competitivos com produtos de nações industrializadas.

Turismo é o maior e mais favorável produtor de renda para a Bacia. Entretanto, turismo é, também, uma indústria altamente competitiva e sobremodo depende dos cíclicos, sazonais e seculares balanços econômicos das nações desenvolvidas.

Demograficamente, a Bacia é uma área de rápido e drástico crescimento. Desemprego e subemprego são desenfreados e, conseqüentemente, uma das saídas para aliviar a pressão da superpopulação envolve a migração. Quer legal ou ilegal, correntes migratórias de proporção considerável têm sido dirigidas para numerosas nações hospedeiras, tais como Estados Unidos, Venezuela e Grã-Bretanha.

Devia ser sugerido que a iniciativa da Bacia Caribense, favorecida pela administração Reagan, é, em parte, uma resposta para esse problema. Se a economia da região pudesse ser estimulada, presumivelmente o volume da migração ilegal para os Estados Unidos (e qualquer parte) decresceria. Contudo, como tem sido inferido, o potencial da Bacia é limitado, embora o crescimento em alguns setores seja possível.

Outro problema correlacionado interfere, também, nesse

aspecto. Ainda que a fertilidade pudesse ser cortada pela metade, o *momentum* demográfico resultaria, em futuro imediato, no crescimento substancial da população. Há extensas coortes de mulheres em "idade de gravidez" e, salvo um natural desastre, os nascimentos excederão as mortes na região, caso esse grupo de pessoas meramente se recomponha.

De interesse estratégico mais imediato são o transporte e a circulação. A natureza parece ter criado um *mare nostrum* dos Estados Unidos na Bacia Caribense, cercada como é pela massa de terra peninsular a oeste e o arquipélago a leste. Em época de emergência, o movimento crítico próximo ou através da área consistirá, segura e largamente, de óleos fósseis. Se cargueiros muito grandes (ou supergrandes) permanecerem em uso durante as hostilidades, as passagens estarão restritas, principalmente as de Galleons, St<sup>a</sup> Lucia e Providencia. Isso fará com que vasos inimigos interditem tais tráfegos dentro da área.

É imperativo que bases navais e instalações sejam mantidas na região. Deverá ser um objetivo geopolítico dos Estados Unidos garantir que esses locais se farão disponíveis para as forças armadas convenientes, na base de arrendamentos de longa duração ou outro arranjo apropriado. Certamente, políticas estratégicas e táticas, nível de tecnologia e equipamentos na-

vais exibidos pelos combatentes determinarão a extensão na qual o Caribe se tornará um moderado porto seguro para navegação durante tempo de guerra. Deverá ser mais fácil, para os submarinos soviéticos, penetrar na área que sair dela. Assim, a continuação de tal esforço dependeria de uma análise estratégica e militar de custo-benefício nas suas partes. Uso de minas em trechos de passagens das ilhas ou ações táticas aéreas podem provar, também, que são eficientes em diminuir ou tornar lento o tráfego através de algumas vias marítimas.

As passagens leste-oeste pela massa terrestre do México e da América Central são poucas e não são dignas de confiança para movimentar o tráfego de um oceano para o outro, em tempo de guerra. Para movimentação de bens em tempo de paz, duas passagens são importantes. A primeira é o Istmo de Tehuantepec, no sul do México, que sofreu melhoria recentemente. O Serviço Multimodal Trans-Istmo Mexicano assegura que a rota pode reduzir o tempo da viagem, via Canal do Panamá, em cerca de dois dias.

O Canal do Panamá é, sem dúvida, o maior movimentador do tráfego da região. Ele nunca foi danificado por terroristas ou por ações subversivas e permaneceu aberto durante a Segunda Guerra Mundial. Contudo, navios excessivamente grandes e fluxo pesado de tráfego causam problemas. Um outro canal nas

proximidades está ainda longe de se concretizar. O restante das passagens não é de grande significado para a navegação ou para o movimento por terra, porque não se prolonga completamente através da massa terrestre, ou porque fatores decorrentes das condições topográficas da costa, ou impedimentos políticos, criam problemas.

É provável que as rotas acima mencionadas não sejam usadas em tempo de guerra. As ligações ístmicas estão sujeitas a interdições, e as instalações portuárias poderão estar danificadas ou rapidamente sobrecarregadas. Não parece figurar entre os melhores interesses dos Estados Unidos destinar confiança de peso à movimentação por essas passagens. Ao contrário, o tráfego leste-oeste teria que ser confiado ao incomparável sistema de transportes da ponte terrestre através dos Estados Unidos e do sul do Canadá. Os gargalos tendem a se relacionar com a adequação dos portos, as instalações portuárias e a infra-estrutura dos transportes, associada com esses nós críticos.

Minas inimigas, assim como incursões de submarinos e outras formas possíveis de ataque, sugerem que esses pontos focais requerem defesa, capacidade de contra-ataque e apoio de enorme dimensão. Nesse período de maiores despesas com defesa e uma ampla variedade de impressionantes sistemas de armas, é, na verdade, lamentá-

vel que considerações completas aparentemente não são sempre dadas às necessidades de melhorar a infra-estrutura e os portos, a fim de que eles possam ser, efetiva e eficientemente, usados em ocasiões de emergência.

## A SITUAÇÃO DA BACIA

A "situação", no que concerne à Bacia Caribense, está ligada particularmente a quatro regiões: Estados Unidos, Europa Ocidental, África Ocidental e Golfo Pérsico. No caso dos dois últimos, a ligação é resultado, primordialmente, da movimentação de óleo fóssil no interior ou nas proximidades da Bacia. Cerca de 1/5 das importações de petróleo dos Estados Unidos e metade das da Europa Ocidental estão envolvidos. Contudo, nem todo o tráfego está centrado no petróleo. Mais de 25.000 navios passam, por ano, em torno do Cabo da Boa Esperança e costeiam ou se movimentam através da Bacia. Cerca de 25% dos produtos alimentícios da Europa Ocidental, assim como importantes minerais, tais como urânio, manganês, cromo, platina e vanádio, seguem essa rota. Esse tráfego, presumivelmente, crescerá em tempo de guerra, dado o suposto bloqueio do Canal de Suez.

Na análise final, o volume desse tráfego dependerá, sem dúvida, da eficiência da interdição soviética e da habilidade

dos produtores do Golfo em manterem altos níveis de produção. Não apenas o tráfego de navios-tanque teria que fluir para a manopla Golfo Pérsico-Índia-Atlântico (Caribe), mas centros de produção e portos apropriados deverão também cair presos ante o ataque inimigo. Por exemplo, Al-Faw, instalação *offshore* de petróleo do Iraque, foi destruída rapidamente pelas forças iranianas quando a guerra estourou entre esses dois países. Ambas as instalações, em terra e *offshore*, parecem ser vulneráveis no Caribe, assim como no Golfo Pérsico.

É interessante notar que o envolvimento dos Estados Unidos e da Europa Ocidental nos negócios da Bacia tem crescido e decrescido através dos anos. Durante as negociações do tratado ao final da guerra dos Sete Anos, em 1763, os britânicos indicaram o desejo de tomar Guadalupe de volta para o Canadá. Os franceses recusaram-se a considerar o assunto devido à perceptível importância da produção da cana-de-açúcar da ilha. Tempos mais tarde, as ilhas da Bacia produtoras de cana-de-açúcar seriam, em verdade, de menor interesse para essas nações. A política dos Estados Unidos tem também flutuado entre preocupações agudas e negligência benigna. Em resultado, a proximidade da Bacia é percebida como de crítica importância em alguns tempos e, em outros, não. As palavras operacionais desse aspecto são,

assim, "percepção" e "situação".

Correntemente, as preocupações dos Estados Unidos dizem respeito não só ao que está acontecendo em seu quintal, mas, também, à "situação" da Bacia, que poderá fazer rebentar uma guerra convencional. Em tal eventualidade, seria essencial para os Estados Unidos suprir e apoiar as forças da OTAN na Europa o mais cedo possível. Do outro lado da moeda, um dos primeiros objetivos da União Soviética seria interromper e cortar as linhas de suprimento, em particular durante as fases iniciais da guerra. Em consequência, o controle naval das linhas marítimas é um imperativo. John G. H. Halstead, ex-embaixador canadense da OTAN, colocou o assunto mais eficaz e sucintamente. "Enquanto a OTAN poderá vencer lá (Atlântico Norte) e, todavia, perder uma guerra", afirmou, "poderá não perder lá e vencer a guerra".<sup>3</sup>

Não haveria surpresa alguma se incursões no interior da Bacia se encaixassem primorosamente nos planos soviéticos. Se puderem interpretar o papel de saqueador, ao desviar suprimentos essenciais e tropas para a área (tendo em vista que instalações na Bacia sob seu controle poderão ser usadas para ameaçar os suprimentos nos limites da OTAN), eles podem, realmente, desferrar estragos com a defesa aliada na Europa Ocidental. Ataques contra e sobre o território dos Estados Uni-

dos são também possíveis. Como resultado, deverá ocorrer que suprimentos críticos seriam deslocados da zona de guerra na Europa, devido ao clamor e alarme públicos dos Estados Unidos.

Se a OTAN tiver êxito em deter ou diminuir o ímpeto do avanço soviético, a situação da Bacia deverá tornar-se um pouco menos crítica para o esforço de guerra dos Estados Unidos. As forças militares destes deverão ter tempo e capacidade para erradicar a ameaça representada na Bacia pelas forças soviéticas e seus prepostos. Os soviéticos estariam, então, em uma posição menos temível, já que teriam que combater com oleodutos logísticos de 5.000 milhas para responderem a uma ofensiva dos Estados Unidos.

Se alguém presumir um (felizmente improvável) cenário no qual a União Soviética capture toda a Europa, um dos seus próximos passos deverá ser atacar os Estados Unidos, via o "suave ventre" da Bacia Caribense. Em tal eventualidade, a situação mudaria, visto que a Bacia emergiria, uma vez mais, como uma área de primordial importância para ambos os lados.

## CONCLUSÕES

Do ponto de vista demográfico, as dificuldades da Bacia não podem ser resolvidas pronta e facilmente. O crescimento da

população da área é inevitável. Sem substancial desenvolvimento econômico, a migração para os Estados Unidos crescerá também. O problema é de grandes dimensões e, conseqüentemente, deverá ser negociado.

O Tenente-Coronel David J. André argumenta que a ameaça principal para a área não é militar, mas sócio-econômica. Se as condições não melhorarem, os altos níveis de pobreza levá-la-ão à inquietude política.<sup>4</sup> Ainda que esse argumento tenha mérito precioso, dois aspectos podem ser levantados. Primeiro, o desenvolvimento econômico potencial da Bacia parece algo limitado. Segundo, os planos dos Estados Unidos para auxiliar o crescimento da Bacia deverão ser feitos levando em consideração a estrutura dos interesses mundiais da nação e nos termos das prioridades consignadas para diferentes regiões do globo. Isso levou o General Maxwell D. Taylor a concluir que os objetivos da política dos Estados Unidos para a Bacia seriam modestos e limitados por natureza e que seria uma "loucura..." (considerar) um genuíno Plano Marshall para essa parte do mundo.<sup>5</sup>

Dentro de certos limites, os Estados Unidos devem considerar programas patrocinados por instituições regionais. Para encorajar projetos autóctones propostos, eles devem também examinar se são vantajosos, genuínos, factíveis e se podem ajustar-se dentro de uma estru-

tura holística de planejamento.

Qual a importância da Bacia no sentido estratégico? Essa área pode ser de destacada importância, particularmente sob uma antevisão, muito plausível, de cenários de guerra convencional. Quando os marechais de Napoleão Bonaparte lhe trouxeram um plano de campanha, no qual o exército estava, elegante e uniformemente, enfileirado de um lado ao outro da fronteira, ele acidamente perguntou se o objetivo era barrar contrabando.

Os Estados Unidos não podem esperar ser fortes em todas as regiões do mundo. Todavia, em virtude do fator proximidade de quintal, eles correm o perigo de reagir e engajarem-se numa crise de intervenção induzida, do tipo que levaria ao comprometimento de suas forças na Bacia. Se é vantagem para os soviéticos pegar os Estados Unidos desequilibrados e reagir com um instintivo e não pensado "estilo Pavlov para incursões soviéticas", será também vantajoso para os Estados Unidos, tanto quanto é realisticamente possível, desenvolver uma série de planos alternativos para uso no caso de acontecer ulterior intervenção soviética na Bacia. É claro que isso não é uma tarefa simples. Contudo, justamente porque é difícil, não quer dizer que não poderá ser tentada.

Uma resposta dos Estados Unidos ajustada à situação tipo desse tema não precisa ser restrita somente à área caribense. Por exemplo, os Estados Unidos

poderão conter uma incursão na Bacia, fazendo algum tipo de pressão de guerra convencional para conquistar o flanco sul europeu da União Soviética? Os soviéticos orgulham-se de serem muito sensíveis a uma ameaça vicinal posta em seu quintal.

A Bacia é crítica para os Estados Unidos? A pergunta tem, claramente, componentes positivos e negativos. Dado às características dinâmicas, assim como estáticas, do "sítio" e da "situação" na Bacia, qualquer questão deve ser especificada no tempo. A Bacia é mais importante em certas épocas que em outras. Pelo fator proximidade, ela deve ser vista realisticamente, em termos de sua verdadeira importância geopolítica e do seu valor, embora a opinião pública dos Estados Unidos em relação ao assunto não deva nunca ser ignorada. Finalmente,

a resposta deve envolver uma avaliação comparativa da significação da Bacia, como ela se relaciona com outras regiões do mundo, para as prioridades políticas e estratégicas dos Estados Unidos e os inevitáveis recursos finitos dos quais, mesmo essa nação, pode depender

## BIBLIOGRAFIA

1. Raymond E. Crist and Edward E. Leahy. *Venezuela: Search for a Middle Ground*. Van Nostrand Reinhold Co., N.Y., 1969, pp. 99-100.
2. Marvin Gordon. "Development Policy and Disadvantaged Subsistence Sector of Agriculture". *Geographic Research of Latin America*, Conference of Latin Americanist Geographers, Muncie, Ind., 1981, pp. 375-79.
3. Ambassador John G. H. Hasteed. "The Atlantic: The Linchpin." *US Naval Institute Proceedings, Supplement*, December 1984, p. 22.
4. Lieutenant Colonel David J. André "Gathering Storm in the Eastern Caribbean". *Military Review*, July 1981, p. 13.
5. Maxwell D. Taylor. "The Forgotten Factor in Central America." *The Washington Post*, 30 August 1984, p. A 24.

*Prof. Marvin F. Gordon - Professor de Geografia e Ciência Regional, diretor de Estudos Latino-Americanos na Escola de Negócios Internacionais da Universidade George Washington, em Washington, DC. Trabalha como assessor geográfico da Agência para Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos, da Organização dos Estados Americanos (OEA), do Programa de Desenvolvimento das Nações Amigas e do Governo da Venezuela.*